



6º Festival Itinerante de Percussão

27–30 Dezembro
2025 – Lisboa



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

*dg*ARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES



ESCOLA SUPERIOR
DE MÚSICA DE LISBOA

FUNDAÇÃO
ORIENTE
MUSEU DO ORIENTE



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA



Universidade do Minho
Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas



Politécnico
Castelo Branco
Escola Superior
de Artes Aplicadas



ESMAE



universidade de aveiro
ANSO
ACADEMIA NACIONAL
SUPERIORS DE ORQUESTRA
MÉTROPOLITANA



deca

departamento de comunicação e arte



Finalmente em Lisboa, em 2025, o Festival Itinerante de Percussão (FIP) completa uma ronda pelas cidades onde se situam as sete instituições de ensino superior portuguesas em que é ministrado curso de percussão.

Com uma preponderante componente formativa, as seis edições deste projecto que congrega toda a comunidade académica da percussão em Portugal resultam, também, na criação de um substancial corpo de obras de música de câmara, que bem demonstra a diversidade do trabalho dos compositores em Portugal. Com as obras de António Pinho Vargas (1951), Nádia Carvalho (1994) e Bernardo Lima (1993), que agora recebem a sua estreia absoluta, as partituras para septeto de percussão criadas para o FIP por encomenda da Arte no Tempo, com financiamento da Direcção-Geral das Artes, chegam quase às duas dezenas, juntando-se aos septetos assinados por Cândido Lima (1939), Christopher Bochmann (1950), João Pedro Oliveira (1959), Isabel Soveral (1961), Ricardo Ribeiro (1971), Ângela Lopes (1972), Luís Antunes Pena (1973), Luís Carvalho (1974), Rita Torres (1977), Pedro Berardinelli (1985), Luís Salgueiro (1993), Solange Azevedo (1995), Mariana Vieira (1997), João Carlos Pinto (1998) e João Moreira (2004).

Direcção Artística
MÁRIO TEIXEIRA
DIANA FERREIRA

Design de Comunicação
CARLOS SANTOS

Técnicos de Palco
DIOGO MOTA
MARCO DUARTE

Produção de Som
JOÃO PROENÇA

Produção
ARTE NO TEMPO

Apoio:



Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO)
Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART/IPCBA)
Escola Superior de Música de Lisboa (ESML/IPL)
Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE/IPP)
Universidade de Aveiro (UA)
Universidade de Évora (UÉ)
Universidade do Minho (UM)

Criar espaço para a partilha de conhecimento com as gerações mais novas continua a parecer-nos importante, abrindo portas aos músicos do futuro para que aqui adquiram mais algumas competências para desenvolver o seu trabalho, mas também para que aqui possam apresentar o seu trabalho. Mas é precisamente a criação de novo repertório e a promoção do trabalho conjunto levado a cabo para a sua preparação o que se nos afigura mais pertinente, marca distintiva do FIP relativamente ao número crescente de iniciativas na área da percussão em território nacional. A cada edição, 3 alunos de cada uma das 7 instituições de ensino superior portuguesas em que é ministrado curso de percussão são chamados a participar desse trabalho conjunto, integrando os grupos que preparam a estreia de 3 septetos.

Além de contar com o trabalho dedicado de um aluno de cada uma das sete escolas, a preparação e estreia de um septeto depende da orientação de um professor de uma das mesmas sete.

Os restantes quatro professores dividem-se, como sempre, em aulas de aperfeiçoamento dedicadas a diferentes instrumentos, acolhendo não só estudantes do ensino superior, mas também os alunos dos nossos conservatórios e academias que equacionam a possibilidade de vir a dedicar as suas vidas à arte de fazer música.

Porque, apesar da condensada estrutura que tem sido a imagem de marca do FIP desde o primeiro momento, mantemos a preocupação de acompanhar a evolução dos muitos músicos que por aqui têm passado, em 2024 passámos a proporcionar a oportunidade de dois jovens solistas se apresentarem a solo (mediante uma selecção de propostas que se baseia no interesse das obras a apresentar e no nível artístico dos intérpretes), dividindo recitais com os professores das sete escolas.

Além dos profissionais, cuja colaboração é o segredo do sucesso do FIP – este ano Nuno Aroso (Univ. Aveiro), Pedro Carneiro (ESML/

IPL), Jeffery Davis (ESMAE/IPP), João Dias (Univ. Minho), André Dias (ESART), Marco Fernandes (Metropolitana) e Vasco Ramalho (Univ. Évora), que nos dão a escutar diferentes propostas estéticas – apresentam-se também a solo dois jovens músicos oriundos da mesma região e da mesma escola, de Reguengos de Monsaraz, cuja primeira participação no FIP decorreu no ano de 2019, quando ambos integraram septetos responsáveis pela estreia de obras de C. Bochmann e de L. Carvalho. São eles Bernardo Cruz (antigo aluno da Univ. Minho, que estuda agora na Hochschule für Musik und Tanz Köln, com Dirk Rothbrust) e Paulo Amendoeira (antigo aluno da ESML, actualmente a frequentar a Hochschule der Künste Bern, onde trabalha com Brian Archinal, Antoine Françoise e Marc Unternährer).

Completada a primeira ronda, ansiamos pelo momento de regressar ao ponto de partida, não sem antes realizarmos uma segunda edição especial do FIP, na Casa da Música, juntando 7 professores na interpretação de 4 dos septetos já antes estreados pelos alunos.

O lema continua a ser o mesmo: que, enquanto tal fizer sentido, possamos continuar a proporcionar este espaço aos novos músicos! Deixamos aqui um agradecimento especial à Escola Superior de Música de Lisboa e à Fundação Oriente, pelo acolhimento da 6ª edição do FIP, assim como à Direcção-Geral das Artes, cujo financiamento tem sido uma constante desde a criação do projecto. Agradecemos também a todos os músicos e compositores pelo seu empenhado contributo para o sucesso de todas as edições do FIP, bem como às restantes escolas que, desde o primeiro momento, compreenderam a importância da iniciativa e se prontificaram a colaborar.

Diana Ferreira e Mário Teixeira

Programa/

ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA DE LISBOA

Sábado,
27 de Dezembro

14h00
Master Class de Caixa
por André Dias

21h30
Recital por João Dias, Nuno Aroso e Vasco Ramalho

Domingo,
28 de Dezembro

10h00
Master Class de Marimba
por Vasco Ramalho

21h30
Recital por André Dias,
Jeffery Davis e Bernardo Cruz

Segunda-feira,
29 de Dezembro

10h00
Master Class de Vibrafone
por Jeffery Davis

21h30

Recital de solistas por Pedro Carneiro, Marco Fernandes e Paulo Amendoeira

FUNDAÇÃO ORIENTE

Terça-feira,
30 de Dezembro

10h00
Master Class de Tímpanos e Percussão de Orquestra por Marco Fernandes

19h30
Septetos em estreia

Sábado

27 de Dezembro — 21h30

Recital de solistas

J. Dias, N. Aroso e V. Ramalho

Ângela Lopes (1972)

Paráfrase [2024] ca 10' [2]
Trio para vibrafone e electrónica

José Alberto Gomes (1983)

Proyector I [2009] ca 10' [1]
para vibrafone e eletrónica

João Pedro Oliveira (1959)

Kinetic Energy [2020] ca 11'
para marimba [1], vibrafone [2]
e electrónica

Vasco Ramalho (1982)

Arukas [2025] ca 6' [3]
para marimba e MalletStation

Keiko Abe (1937)

Marimba Concertino “The Wave” [2000] ca 14'
[4] para marimba solo e 4 percussionistas

[1] João Dias [UM]

[2] Nuno Aroso [UA]

[3] Vasco Ramalho [UÉ]

[4] Vasco Ramalho, com David Russo,
José Cruz, Gonçalo Flores e Diogo Martins

Domingo
28 de Dezembro — 21h30
Recital de solistas
A. Dias, J. Davis e B. Cruz

Igor C. Silva (1989)
In case of change [2020] ca 9' [1]
para kalimba e electrónica

Jaime Reis (1983)
Reificação Espectral [2004] ca 8' [1]
para steel drums e electrónica

Nicolas Collins (1954)
In Memoriam... [2009] ca 7' [2]

Armando Santiago (1932-2025)
Groupes IV [2023] ca 10' [2]
para marimba e gongs

Jeffery Davis (1981)
peças do álbum *Alloy* [2024] [3]
para vibrafone

[1] André Dias [ESART]
[2] Bernardo Cruz – jovem solista seleccionado
[3] Jeffery Davis [ESMAE]

Segunda-Feira
29 de Dezembro — 21h30
Recital de solistas
P. Carneiro, M. Fernandes
e P. Amendoeira

Alvin Lucier (1931 – 2021)
Ricochet Lady [2016] [1]
para glockenspiel

Adam Scott Neal (1981)
Tearmunn [2012] ca 7' [5]
para trompa e vibrafone

Tokuhide Niimi (1947)
For Marimba I [1975] ca 9' [2]

Michael Maierhof (1956)
Splitting 4 (16 readymades) [2000] ca 12' [1]

Bruno Hartl (1963)
Sturm ca 7' [3]

John Psathas (1966)
Matre's Dance [1991] ca 9'30" [4]

[1] Paulo Amendoeira – jovem solista seleccionado
[2] Pedro Carneiro [ESML]
[3] Marco Fernandes [Metropolitana]
[4] Marco Fernandes, com Bernardo Ramos, Matilde Coelho, Rafael Louro e Raúl Eira
[5] Pedro Carneiro, com Carolina Carneiro (trompa)

Terça-Feira
30 de Dezembro — 19h30
Concerto de música de câmara
Septetos em estreia

Bernardo Lima (1993)

*Materia Lignorum** [2025] para 7 percusionistas (instrumentos de madeira)

Nádia Carvalho (1994)

*Echoes of Alloy: Of Shards and Shimmers** [2025] para 7 percusionistas (instrumentos de metal)

António Pinho Vargas (1941)

*Dissolves me into geometrics** [2025] para 7 percusionistas (instrumentos de pele)

* estreia absoluta; encomenda da Arte no Tempo
financiada pela Direcção Geral das Artes

B. Lima
Materia Lignorum

Filipa Ribeiro [UÉ]
Simão Pereira Veiga [UM]
Afonso Bessa [ESMAE]
Rodrigo Pinho [UA]
Amadeu Lança [ESART]
Yi Huang [ESML]
Raúl Eira [ANSO]

Direcção:
Prof. João Dias [UM]

N. Carvalho
Echoes of Alloy

Gabriele Petrucci [ESML]
Gustavo Silva [ESML]
João Ferreira [UÉ]
Micael Ferreira [UM]
Isaque Andrade [ESMAE]
Hélder Santos [UA]
Rodrigo Loureiro [ESART]

Direcção:
Prof. Pedro Carneiro
[ESML]

A. Pinho Vargas
Dissolves me into geometrics

Carolina Gomes [UA]
Diogo Pinto [ESART]
Francisco Franca [ESML]
Bernardo Ramos [ANSO]
Leonardo Simões [UÉ]
Pedro Arrieche [UM]
Paulo Dias [ESMAE]

Direcção:
Prof. Nuno Aroso [UA]

Bernardo Lima (1993)

Materia Lignorum [2025]

Materia Lignorum, encomenda da Arte no Tempo para o Festival Itinerante de Percussão de 2025, é uma exploração abstracta e tímbrica da essência sonora da madeira.

O percurso sonoro da obra abrange uma ampla paleta de cores, articulando instrumentos de altura definida e indefinida e recorrendo a diversas técnicas performativas.

Ao longo da peça, emergem e transformam-se conceitos como ressonância, pulsação e choque tímbrico.

Este constante contraste é motor estrutural da obra, em que os ataques secos e incisivos alternam com ressonâncias difusas; o ruído contrapõe-se com componentes mais tonais e superfícies duras coexistem com texturas macias.

Para além da instrumentação, a obra integra discretos efeitos vocais que evocam a presença de uma micro-fauna acústica, como uma extensão natural da própria madeira. B. L.

Bernardo Lima iniciou os estudos musicais aos 11 anos de idade. É Mestre em Composição e Teoria Musical pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (2017), instituição na qual concluiu igualmente a licenciatura em Composição (2015), e Mestre em Ensino da Música – ATC pela Universidade de Aveiro (2020).

Foi aluno dos professores Eugénio Amorim, Fernando Lapa, Filipe Vieira, Dimitris Andrikopoulos, Pedro Santos e Evgeni Zoudilkine.

Em 2012, obteve a Menção Honrosa no Concurso "Prémio de Composição Séc. XXI – Gustav Mahler" com a obra Pensamentos, na categoria de música de câmara (prémio não atribuído).

Em 2015, foi finalista do Prémio de Composição Casa da Música/ESMAE com a obra "Toccata em Fuga Panorâmica", para 200 instrumentistas, dirigida pelo maestro Pedro Neves e gravada para a RTP/Antena 2.

Em 2021, recebeu o 2º prémio no VIII Concurso de Composição da Banda Sinfónica Portuguesa, com a obra Water Drop.

As suas obras, escritas para as mais variadas formações e resultando de variadas encomendas, têm sido estreadas, apresentadas e gravadas por reconhecidos músicos do panorama nacional como Ricardo Antão, Frederic Cardoso, João Casimiro Almeida, Vasco Dantas Rocha e Vitor Fernandes, entre outros. Como arranjador, destaca os arranjos para a Banda Amizade & Fausto Bordalo Dias, The Legendary Tigerman, Ela Vaz, Rui Oliveira, Clarinetes Ad Libitum, Brigada Victor Jara, Manuel Freire, Capicua, Virtus, Aurea, Carolina Deslandes, Rita Redshoes e A Garota Não, assim como arranjos para orquestra de Tiago Nacarato e Desertuna – UBI.

Paralelamente ao seu trabalho de compositor, tem explorado a direcção musical, tendo tido a oportunidade de trabalhar com Mark Heron, Douglas Bostock, Rafael Vilaplana, Baldur Bronnimann, Artur Pinho Maria e Eugénio Amorim.

Como maestro convidado, dirigiu o Ensemble de Música Contemporânea da ESMAE no Projecto CCRE- MPC, colaboração ESML-ESMAE-EU, com o qual gravou um CD em Maio de 2018.

É Maestro Assistente da Banda Amizade – Banda Sinfónica de Aveiro, professor de Análise e Técnicas de Composição no Conservatório de Música

Terras de Santa Maria, no Conservatório de Música de Águeda e na Escola Artística do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Aveiro.

Nádia Carvalho (1994)

Echoes of Alloy: Of Shards and Shimmers [2025]

Em *Echoes of Alloy: Of Shards and Shimmers*, o metal torna-se substância viva em transformação. Vibrafones ressonantes, tam-tams e címbalos despertam do silêncio, juntam-se numa turbulência rítmica e textural e, finalmente, dissolvem-se no silêncio. A obra desenrola-se como uma evolução lenta — da ressonância sólida ao movimento líquido e vaporoso decaimento — onde cada som metálico deixa um brilho fugaz antes de se dissipar no ar. N. C.

Nádia Carvalho começou os seus estudos musicais em 2005, na Academia de Música de Costa Cabral, na classe de saxofone de Gilberto Bernardes. Mais tarde, viria a ter como professores Guilherme Bogas, André Ramos e Francisco Ferreira, com quem acabou o 8º grau, em 2012.

Licenciada em composição pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Instituto Politécnico do Porto (ESMAE/IPP, 2015), estudou com Dimitris Andrikopoulos, Filipe Vieira e Fernando Lapa, entre outros. Como parte desse plano de estudos, frequentou a Royal School of Music em Estocolmo, no âmbito do programa ERASMUS, trabalhando com Pär Lindgren, Bill Brunson, Mattias Sköld e Karin Reiqvist.

Como complemento à formação artística, frequentou o mestrado integrado em Engenharia Informática e Computação na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), que concluiu em 2020, com uma dissertação em informática musical.

Neste momento, frequenta o Programa Doutoral em Media Digitais na FEUP e desenvolve o seu projecto de investigação no Laboratório de Computação Musical e Sonora (SMC) da FEUP/INESC-TEC, sendo bolsa FCT. Além das aulas, mantém actividade como saxofonista, sendo membro da Banda Filarmónica da Foz do Douro, do Grupo de Jazz da FEUP e da Orquestra Clássica da FEUP com a qual estreou, em 2016, uma obra sua encomendada pela mesma.

António Pinho Vargas (1951)

Dissolves me into geometrics [2025]

Esta obra para septeto de percussão foi-me proposta pela Arte no Tempo de um modo a um tempo peculiar, mas, a outro, extremamente claro: “compor uma obra para percussão sem notas”. Ou seja, sem instrumentos de altura definida, como marimbas, vibrafones, etc. Esse “programa” estabeleceu de forma imediata um horizonte tímbrico, principalmente peles, a que acrescentei apenas alguns (poucos) instrumentos de metal em pontos precisos da obra (tam-tams, gongs, “petites percussions”).

De outro modo, lançou-me necessariamente para um olhar para aquelas obras marcantes do final dos anos 1960 e 1970 de Iannis

Xenakis, *Persephassa* (1969), *Psapha* (1975), de Gerard Grisey, *Tempus ex Machina* (1979) e, de um outro modo, *Drumming* (1971), de Steve Reich. Todas estas obras constituíam uma memória vívida - ouvia-as todas em concertos - uma revelação, existências marcantes num repertório que, décadas mais tarde, retomava o exemplo, décadas isolado, de *Ionisation* (1929-1931), de Varèse. Em todo o caso, nós, tendo já uma longa vida de olhos postos em partituras, podemos reter delas elementos à partida insuspeitados: neste caso, refiro-me às obras de Messiaen com referências escritas às origens dos seus materiais, como cantos de pássaros identificados, nomes de ritmos hindus, ou de ragas que constituem um exemplo único de compositor que “analisa as peças para nós” (Boulez dixit). Devo afirmar que não decidi nada de semelhante à partida mas, no decorrer da composição, fui escrevendo, passo a passo, descrições pontuais que acabaram por lá ficar onde faziam sentido: 1st Obsession, 2nd Obsession: diagonal varianti, lines to centre, Cadenza, Space, Episode Space I, Space II, Episode 3/8, Anacrusis di tempi, Obsession motive, Fives, Fives: varianti, Dissolves, Geometrics, Figures accel/rit, Brutale di Rihm. Estas indicações, numa miríade de línguas que me agradece há muito, foram permanecendo escritas ao longo da obra e constituíam finalmente um mapa, uma descrição daquilo que queria escrever para além da notação com a qual esses termos mantinham relações óbvias. O resultado é uma partitura e o seu mapa. Dissolves me into geometrics, o título, foi sofrendo alterações até se cristalizar nesta estranha formulação. A. P. V.

António Pinho Vargas é Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Completo o Curso de Piano do Conservatório do Porto, em 1987, e o Curso de Composição no Conservatório de Roterdão, em 1990, onde estudou com Klaas de Vries, enquanto bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, entre 1987 e 1990.

Foi Professor Coordenador de Composição na Escola Superior de Música de Lisboa (1991-2019) e Investigador-colaborador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Em 1995, foi condecorado pelo Presidente da República Portuguesa com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique.

Em 2012, recebeu o Prémio Universidade de Coimbra pelo conjunto da sua obra e o Prémio José Afonso. Em 2014, recebeu o Prémio Autores pela sua obra *Magnificat* (2013), para coro e orquestra. Publicou os livros *Sobre Música: ensaios, textos e entrevistas* (Afrontamento, 2002), *Cinco Conferências sobre a História da Música do Século XX* (Culturgest, 2008) e a sua tese de doutoramento, concluída em 2010, *Música e Poder: para uma sociologia da ausência da música portuguesa no contexto europeu* (Almedina, 2011).

Gravou 11 discos como pianista/compositor: *Outros Lugares* (1983), *Cores e Aromas* (1985), *As folhas novas mudam de cor* (1987), *Os Jogos do Mundo* (1989), *Selos e Borboletas* (1991), *A Luz e a Escuridão* (1996), os CDs duplos *Solo* (2008), *Solo II* (2009) e *Improvisações* (2011).

Requiem & Judas (2012) – Coro e Orquestra Gulbenkian – foi publicado pela Naxos (2014), que reeditou nas plataformas digitais a ópera *Os Dias Levantados* (1998-2001) – com libreto de Manuel Gusmão, oito solistas, Coro do Teatro Nacional de São Carlos e a Orquestra Sinfônica Portuguesa, sob a direcção de João Paulo

Santos – e *Verses and Nocturnes* (2015). *Monodia* foi reeditado pela Warner. *Magnificat / De Profundis* (2017) – Coro Gulbenkian e Orquestra Metropolitana de Lisboa, sob direcção de Cesário Costa, assim como o Concerto para Violino – Tamila Kharambura e Orquestra Metropolitana de Lisboa, sob a direcção de Garry Walker (2017) – foram publicados pelo MPMP. Lamentos – Orquestra Metropolitana de Lisboa, com direcção de Pedro Neves, Ana Pereira (violino), Joana Cipriano (viola) – foi publicado pela Artway Next (2023), sendo vencedor do Prémio Play – Melhor Álbum de Música Clássica/Erudita.

Compôs 4 óperas, 5 oratórias, 14 peças para orquestra, 9 obras para agrupamento, 26 obras de música de câmara, 11 obras para solistas e música para 5 filmes. Entre as obras mais recentes incluem-se *Requiem* (2012), *Magnificat* (2013), *De Profundis* (2014), *Concerto para violino* (2015), *Concerto para viola* (2016), *Memorial* (2018), *Sinfonia (subjectiva)* (2019), *Oscuro* (2022), *Collections & translations (...varianti...)* (2024) e *Notebooks* (2024).

Master Classes/

**Sábado,
27 de Dezembro**

14h00
Master Class de Caixa
por André Dias

**Domingo,
28 de Dezembro**

10h00
Master Class de Marimba
por Vasco Ramalho

**Segunda-feira,
29 de Dezembro**

10h00
Master Class de Vibrafone
por Jeffery Davis

**Terça-feira,
30 de Dezembro**

10h00
**Master Class de Tímpanos e
Percussão de Orquestra** por
Marco Fernandes

Biografias/intérpretes

Nuno Aroso (Univ. Aveiro)

Nuno Aroso (1978) vem desenvolvendo a carreira artística focado no progresso da literatura para a sua área instrumental, a Percussão. Tocou em estreia absoluta mais de 150 obras, gravando parte deste repertório em múltiplas edições discográficas nacionais e internacionais. Ao longo da carreira, apresenta-se em variados palcos da música contemporânea na Europa, América do Norte, América do Sul e África. Particularmente motivado para a inserção da percussão erudita em contextos artísticos multidisciplinares, desenvolve com frequência projectos com outras áreas de criação:

Dança, Cinema, Teatro, Literatura. O compromisso com a música de câmara leva Nuno Aroso a colaborar com artistas e colectivos portugueses e europeus, em múltiplos contextos, desde os mais formais até aos que se movem por caminhos do experimentalismo e da improvisação.

Doutorou-se com a tese *The Gesture's Narrative - contemporary music for*



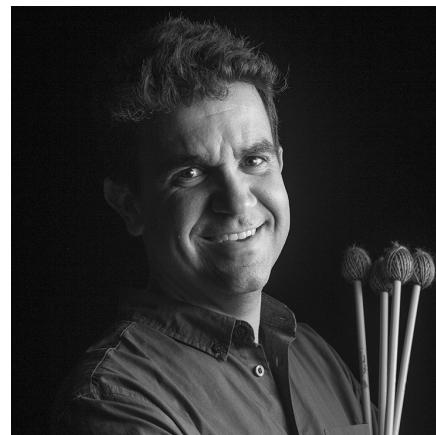
percussion. Actualmente é professor na Universidade de Aveiro e investigador no INET-md. Estende a sua actividade docente como convidado noutras universidades, conservatórios e festivais de música um pouco por todo o mundo.



Pedro Carneiro (ESML/IPL)

Pedro Carneiro (1975), percussionista, maestro, compositor e pedagogo, é co-fundador e director artístico da Orquestra de Câmara Portuguesa (OCP), do ensemble inclusivo Notas de Contacto, da Jovem Orquestra Portuguesa (JOP) e de diversos projectos de cariz social. Tocou e dirigiu em estreia absoluta mais de uma centena de obras e colabora com músicos prestigiados como os quartetos Tokyo e Arditti, Sofia Gubaidulina e Gustavo Dudamel, entre muitos outros. Toca e grava como solista convidado de diversas orquestras: Los Angeles Philharmonic, Seattle Symphony, Budapest Festival Orchestra, Helsinki Philharmonic, Vienna Chamber Orchestra, Swedish Chamber Orchestra, MDR-Sinfonieorchester, SWR Symphonieorchester, English Chamber Orchestra, Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo, BBC National Orchestra of Wales, entre outras.

Apresenta-se regularmente como maestro e solista/director, dirigindo obras concertantes a partir da marimba. Recebeu o Prémio Gulbenkian Arte e a Medalha de Honra da Cidade de Setúbal, entre outras distinções. A sua extensa discografia (que inclui registos a solo, música de câmara, obras concertantes e improvisação) está disponível em diversas etiquetas discográficas, como a ECM Records, Clean Feed e Rattle Records.



Jeffery Davis (ESMAE/IPP)

Reconhecido como um dos grandes vibrafonistas da cena jazzística contemporânea, Jeffery Davis (1981) combina virtuosismo técnico com uma profunda sensibilidade musical. Ao longo da sua carreira, colaborou com alguns dos mais destacados nomes do jazz nacional e internacional, consolidando uma linguagem própria no vibrafone. Começou muito cedo os seus estudos musicais, iniciando-se rapidamente na percussão. O Conservatório Calouste Gulbenkian, a Escola Profissional de Música de Espinho (EPME), a Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE) e o

Berklee College of Music foram os estabelecimentos de ensino por onde passou e se destacou como um dos melhores alunos.

Ganhou inúmeros prémios atribuídos pela Berklee, de que destaca o prémio "Most Active Mallet Player" e o prémio por excelência académica Dean of Curriculum.

Recebe também, do International Association for Jazz Education, o prémio de "Outstanding Musicianship".

Nos Estados Unidos da América, trabalhou com reconhecidos músicos de jazz, como Alex Terrier, Dave Liebman, Dave Samuels, Ed Saindon, Gary Burton, Hal Crook, Joe Lovano, Michel Camilo, Phil Wilson, Roswell Rudd, Steve Swallow, Terrence Blanchard e Vitor Mendoza.

Na Europa, tem tocado com músicos como Alexandre Frazão, Anders Christensen, André Fernandes, Carlos Barreto, Daniel Bernardes, Darren Barrett, Demian Cabaud, Federico Casagrande, Fernando Ramos, Marc Miralta, Michael Lauren, Myron Waldon, Nelson Cascais, Óscar Marcelino da Graça, Pedro Carneiro e Sérgio Carolino, entre muitos outros.

Destaca-se, ainda, como compositor, tendo escrito obras para o Kinetix Duo, Flux Ensemble, XL Trio, Drumming – Grupo de Percussão, Quad Quartet, Pedro Carneiro / Jeff Davis Duo, Romeu Costa e Pedro Carneiro, Liftoff, Jeffery Davis Quinteto.

Jeffery Davis mantém-se activo nos mundos do jazz e clássico, realizando vários recitais a solo por todo o país, bem como concertos para vibrafone e orquestra. Realiza master classes nas mais prestigiadas escolas nacionais e europeias, sendo, actualmente, Coordenador do Curso de Jazz na ESMAE.

Os seus principais projectos são Kinetix Duo; Jeffery Davis Trio; Liftoff;

Carneiro, Davis e Frazão; Jeffery Davis Quinteto. No ano de 2025, iniciou o seu mais ambicioso projecto, Alloy Series, tendo editado, o primeiro (*Alloy Vol. 1 – Standards*) de um conjunto de volumes que apresentam o vibrafone como protagonista. Cada um deles abordará um conceito distinto, explorando diferentes linguagens e formações instrumentais.

Aquilo que distingue e torna singular cada um dos seus projectos é a sonoridade alimentada pelo vibrafone. A mobilização das capacidades criativas utilizadas nas composições permite revelar a profundidade a que a música jazz pode chegar através dos complexos exercícios técnicos que levam à exploração dos limites individuais e colectivos.

Os temas escritos para ensemble por Jeffery Davis denotam uma profunda influência da música de câmara erudita e do jazz; mesmo dentro do jazz, há uma tentativa de usar um estilo harmónico mais moderno e sofisticado, com uma base de groove muitas vezes inspirado no swing e em estilos mais tradicionais. Jeffery Davis é artista Marimba One, Resta-Jay Percussions e Palco Improvisado.

André Dias (ESART/IPCB)

Licenciado em Percussão e Mestre em Ensino pela ESMAE (Porto), André Dias (1991) foi distinguido com bolsas de mérito em todas as instituições que frequentou. Em 2021, recebeu o título de Especialista em Percussão e Música de Câmara pelo IPCB (Castelo Branco). É membro do Drumming GP, do Pulsat Percussion Group e reforço principal da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, tendo estreado mais de meia centena de obras com estas formações. Apresentou-se como solista com a Münchner Symphoniker, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra



Gulbenkian, Banda Sinfónica

Portuguesa e Orquestra Clássica de Espinho. Entre os vários prémios que conquistou, destaca o 1º Prémio no Concurso Helena Sá e Costa (2011), o 1º lugar no Prémio Jovens Músicos e o Prémio Especial da European Union of Music Youth Competitions (2013). Foi semi-finalista do Tromp Percussion Competition – Eindhoven (2014) e participou na Lucerne Festival Academy, onde interpretou Portugal, de Johannes Maria Staud, para percussão solo. Em 2015, foi selecionado para o New Talent (Bratislava), organizado pela European Broadcasting Union, em representação da Antena 2.

Em 2019, participou na gravação do álbum *Archipelago*, de Luís Tinoco, com o Drumming GP, distinguido como Melhor Disco de Música Erudita/Clássica nos Prémios PLAY 2020, interpretando a icónica obra para marimba solo *Mind the Gap*.

Leccionou na Academia de Música de Costa Cabral e é regularmente convidado para integrar júris de concursos, além de ministrar master classes e formações de percussão em diversas instituições do país.

Actualmente é Professor Adjunto Convidado na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco

(ESART), lecciona na Escola Profissional de Música de Espinho e é Director Artístico do Concurso Internacional de Percussão de Gondomar e do Festival PercuArt.

João Dias (Univ. Minho)

João Dias (1986), percussionista, é licenciado e mestre pela ESMAE (Porto), na classe de Miquel Bernat, Manuel Campos e Nuno Aroso. Em 2016, iniciou o Doutoramento em Artes Musicais, na variante de Prática Instrumental, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciéncia e Tecnologia (FCT).

Enquanto intérprete, desde 2004 tem dedicado grande parte do seu tempo ao Drumming Grupo de Percussão (DGP) – grupo fundado em 1999 que, desde então, se tem afirmado como um dos mais importantes colectivos do género, vocacionado para a música contemporânea – onde tem um papel activo enquanto intérprete e mediador na colaboração com compositores na criação de novas obras para o grupo, tendo estreado dezenas de obras de compositores de várias nacionalidades. Com o DGP participou na gravação de oito CDs monográficos dedicados à



obra para percussão dos compositores registados, participando em mais três não assinados pelo grupo. Integrou a European Union Youth Orchestra (2006-2009), onde trabalhou com Vladimir Ashkenazy, Rainer Seeguers (Berliner Philharmoniker) e Simon Carrington (London Philharmonic Orchestra). Como solista, desenvolveu, em 2016, o projecto a solo inteiramente dedicado à música nacional “Caixa Eléctrica”, que serve também como motor de disseminação da música portuguesa para percussão solo dentro e fora do país, como foi o caso de uma das suas apresentações no Darmstädter Ferienkurse 2018.

No mesmo ano, obteve apoio do Criatório (plataforma de apoio à criação artística da Câmara Municipal do Porto) para criar o projecto a solo DIRE-SoNo: “Discursos de (R)Evolução do Som no Espaço”, direcionado para a criação de nova música que envolve em mediação um colectivo de cinco compositores com o performer.

Supernova Ensemble é um dos seus projectos mais recentes, do qual é director artístico juntamente com o compositor José Alberto Gomes, onde desempenha também o papel de intérprete. Supernova é um projecto que incuba no programa de artista em residência da Circular - Associação Cultural e foi criado para ir ao encontro de uma comunidade internacional dedicada à música inovadora em contextos performativos, de Sound Art e New Media, com grande foco no trabalho de colaboração, sendo composto por artistas de formações e orientações diversas.

Mais recente ainda é PaceD, duo de percussão que mantém com o percussionista João Carlos Pacheco. Tem vindo a desenvolver vários outros projectos e colaborações, como o trabalho que desenvolveu

enquanto artista residente do projecto COPRAXIS Ectopia no i3S (Instituto de Investigação e Inovação em Saúde), onde desenvolveu, juntamente com o artista José Alberto Gomes, um trabalho de exploração e criação entre arte e ciência, mais especificamente com o grupo Epithelial Polarity & Cell Division do investigador e group leader Eurico Moraes de Sá, de onde resultou a obra/instalação “And it keeps going or the never-ending song of life”.

É investigador do GIMC - Grupo de Investigação em Música Contemporânea do CESEM, onde dedica particular interesse à mediação/collaboração entre compositor e intérprete na criação de nova música para percussão. É também membro do Sond'Ar-te Electric Ensemble e colabora com o Remix Ensemble Casa da Música, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e Orquestra Gulbenkian, entre outros. É docente na Universidade de Aveiro e na Universidade do Minho.



Marco Fernandes (Metropolitana)

Mestre em música e ensino pela Escola Superior de Música de Lisboa, Marco Fernandes (1986) frequenta actualmente

o programa de doutoramento em música e musicologia da Universidade de Évora. Define-se como um dos percussionistas portugueses mais activos e versáteis da sua geração, focando-se particularmente no repertório de música de câmara. Freelancer nas principais orquestras e agrupamentos portugueses, é professor coordenador na Metropolitana e professor adjunto convidado na Escola Superior de Música de Lisboa. É também director artístico das Percussões da Metropolitana e presidente do júri do Concurso Internacional de Percussão da Beira Interior. É artista das marcas Majestic Percussion, Vic Firth e Zildjian Company.

Vasco Ramalho (Univ. Évora)

Vasco Ramalho (1982) é licenciado em Percussão pela Universidade de Évora (2005), na classe do professor Eduardo Lopes. Enquanto aluno desta instituição, foi distinguido com uma bolsa de mérito dois anos consecutivos, prémio atribuído aos melhores alunos de cada curso. Entre 2006 e 2008, efectuou uma Pós-Graduação em marimba solista no Royal Conservatory Antwerpen (Bélgica) na classe do professor Ludwig Albert. Enquanto estudante, participou em vários cursos e festivais internacionais, dos quais destaca Zeeltsman Marimba Festival 2003, que decorreu em Apeldoorn (VNI-EUA); Ludwig Albert Academy 2006 (Bélgica); Keiko Abe Academy 2007 (Bélgica); IPEW 2008 (Croácia). Enquanto profissional, orientou inúmeros Masterclass e Workshops em festivais de percussão nacionais e internacionais, de que destaca o Festival de Música da Universidade de Évora 2013; Tomarimbando 2014,



2017 e 2021; Percussion Friends 2017 (Conservatório de Amsterdão). Dedicado ao desenvolvimento e expansão da percussão no Alentejo e Algarve, começou a sua carreira docente no ano de 2003, iniciando posteriormente a classe de percussão em sete conservatórios e academias: Conservatório Regional do Alto Alentejo e Conservatório Regional do Baixo Alentejo (2005), Academia de Música de Lagos e Conservatório de Portimão (2006), Conservatório de Lagoa e Conservatório Regional de Vila Real de Santo António (2007) e, mais recentemente, a classe de percussão do Conservatório de Música de Loulé Francisco Rosado.

Desde 2012, é director artístico das 7 edições realizadas do Festival Internacional de Percussão de Portimão, do 1º e 2º FIPAC, das 6 edições do Festival Internacional de Percussão de Évora, do 1º Festival de Percussão de Alcácer do Sal e das 3 edições do festival Dias da Percussão de Portimão. Em Julho de 2017, lançou o seu primeiro álbum discográfico, *Vasco Ramalho – Essências de Marimba, Fados & Choros*, apresentando-se em público com o mesmo projecto cerca de meia centena de vezes, em várias cidades de Norte a

Sul do país.

Vasco Ramalho é artista Adams (desde 2012), assim como artista das marcas Innovative Percussion, Zildjian e Remo (desde 2019). Actualmente é doutorando em Média Arte Digital na Universidade do Algarve/Universidade Aberta e professor Assistente convidado na Universidade de Évora, onde lecciona Percussão e Música de Câmara.

Paulo Amendoeira (solista seleccionado)

Paulo Amendoeira (2002) assume-se como percussionista, performer e improvisador português, radicado em Berna, com formação em percussão clássica contemporânea. A sua prática artística engloba uma investigação contínua sobre o ruído como material e a prática pós-instrumental, expandindo assim o espectro sonoro e expressivo do seu conjunto de instrumentos. Paulo Amendoeira trabalha em ambientes colectivos e transdisciplinares, sendo os seus projectos mais recentes *|klang.data|*, *side proYect* e *ruído blanco*. É membro do *Concrète [Lab] Ensemble* e da *Cigarra Associação Cultural*, mantendo colaborações contínuas e estreitas com compositores como Michael Maierhof,



Ilona Perger e Jorge Viloslada Durán. Formado pela Escola Superior de Música de Lisboa, em 2023, onde estudou com Pedro Carneiro, frequenta actualmente o mestrado em Performance na Hochschule der Künste Bern, onde estuda com Brian Archinal, Antoine Françoise e Marc Unternährer.



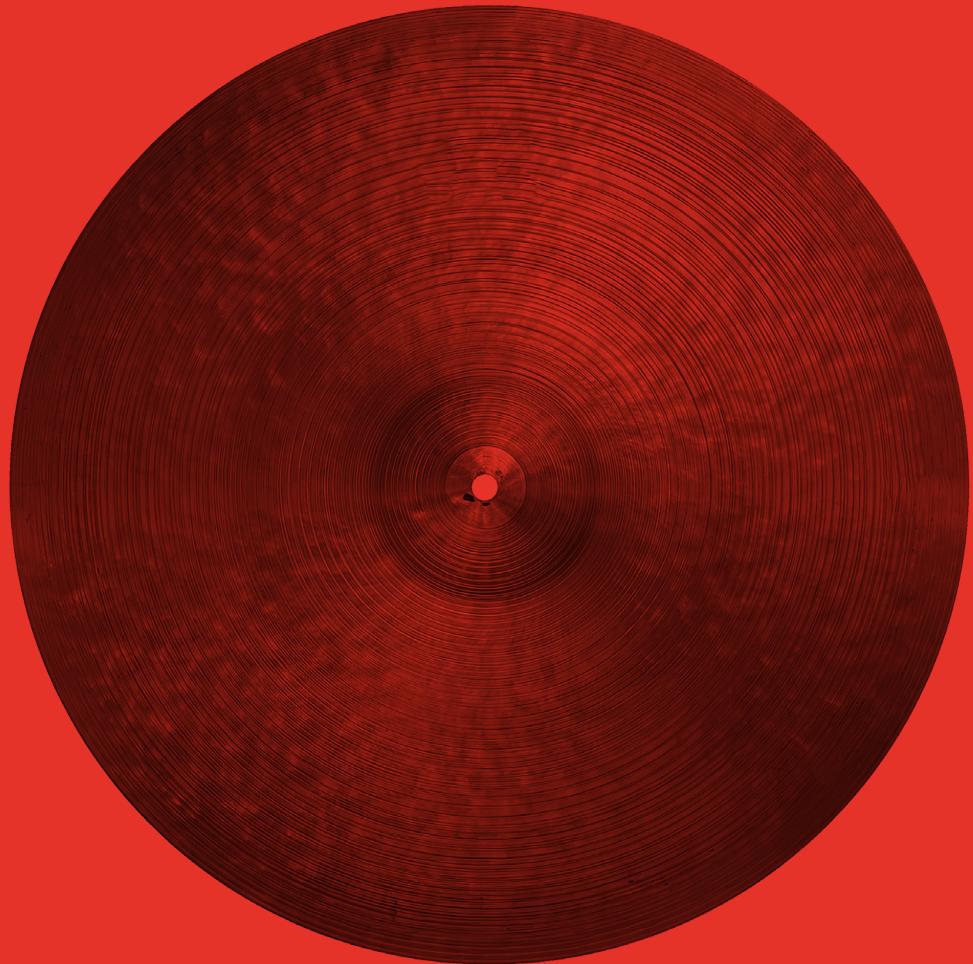
Bernardo Cruz (solista seleccionado)

Bernardo Cruz (2001) é um músico/percussionista dedicado à interpretação de música contemporânea, improvisada, electrónica e à criação de nova música. Actualmente, estuda na Hochschule für Musik und Tanz Köln, com Dirk Rothbrust, tendo anteriormente estudado com Nuno Aroso (Universidade do Minho), Eduardo Cardinho (CLAMAT) e Rui Quintas/João Ramalho (Conservatório Regional do Alto Alentejo / Sociedade Filarmónica Harmonia Reguenguense). Destaca-se trabalhos com grupos como Studio MusikFabrik, Ensemble Recherche Academy, Remix Ensemble Academy, CLAMAT – Colectivo Variável, Junge Oper Baden-Württemberg ou Percussion Orchestra Cologne, assim como enquanto solista.

Bernardo Cruz tem-se apresentado em diversos países da Europa, em festivais e salas de concerto como Casa da Música (Porto, Portugal), Ensemble Musikfabrik Studio (Colónia, Alemanha), Darmstädter Ferienkurse (Darmstadt, Alemanha), Lietuvos Muzikos ir Teatro Akademija (Vilnius, Lituânia), Wittener Tage für Neue Kammermusik (Witten, Alemanha), Essen NOW! (Essen, Alemanha), Gesellschaft für Neue Musik Ruhr (Essen, Alemanha), Aveiro_Síntese (Aveiro, Portugal), Festival MIHL Sons (Lugo, Espanha) ou Lisboa Incomum (Lisboa, Portugal).

Recebeu várias distinções, como o 1º Prémio no “Concurso Nacional de Interpretação Contemporânea” (2021), o 3º Prémio no “10. Interner Kammermusikwettbewerb der HfMT Köln” ou o prémio da DAAD. Apresentou em estreia nacional ou absoluta obras de compositores como Dai Fujikura, Rachel Walker, Inés Badalo, Panayiotis Kokoras, Armando Santiago, Rúben Borges, Valerio Sannicandro, Luís Carvalho e Gonçalo C. Lopes.





fip.artenotempo.pt
fip@artenotempo.pt

A Arte no Tempo é uma estrutura financiada pela
República Portuguesa - Cultura / Direcção Geral das Artes.

